

ROBERT SOUTHEY VIAJANTE: DA (IM)POSSIBILIDADE DE SE APRENDER COM A HISTÓRIA DE PORTUGAL

André da Silva Ramos¹
andramos7@yahoo.com.br
Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP)

Resumo

Neste artigo, analisa-se como o letrado britânico Robert Southey narrou a experiência da história de Portugal em sua primeira obra em prosa, as *Letters Written During a Short Residence in Spain and Portugal*, publicada em 1797. Explora-se como as *Letters* emergiram enredadas à dinâmica discursiva, metanarrativa e estética em vigor na historiografia ilustrada britânica do século XVIII. Por fim, a partir da interlocução das *Letters* com a obra *Sketches of Society and Manners in Portugal* atribuída a William Costigan, explora-se como Southey se valeu da porosidade entre os gêneros literários em sua composição, o que foi decisivo para sua recepção positiva nos periódicos.

Palavras-Chave: Robert Southey; História da Historiografia; Historicidade; História de Portugal; Relato de Viagem

Abstract

This article aims to analyze how the British man of letters Robert Southey narrated the experience of history of Portugal in his first prose work *Letters Written During a Short Residence in Spain and Portugal*, published in 1797. It explores how the *Letters* raised entangled to the discursive, metanarrative and aesthetic dynamic in vigor in the British enlighten historiography of the seventeenth century. Finally, through the interlocution between the *Letters* with the work *Sketches of Society and Manners in Portugal* attributed to William Costigan, it explores how Southey take advanced of the porosity between the literary genres in his composition, which was very important to his further positive reception.

Key-Words: Robert Southey; History of Historiography; Historicity; History of Portugal; Travel Writing

Introdução

A importância dos escritos de Robert Southey (1774-1843) nos últimos anos tem sido retomada com vigor por estudiosos de diferentes disciplinas e nacionalidades (PRATT, 2006; DIAS PINTO, 2007; VARELLA, 2012; CASTANHEIRA, 2011; RAMOS,

¹Doutorando em História pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo financiamento da pesquisa. Agradeço também ao Pr^o Dr^o Valdeí Lopes de Araujo pela orientação.

2013). Estes estudos tem sido decisivos para a restituição de Southey ao cânone literário britânico, pois apesar do letrado ter desfrutado em grande medida o reconhecimento dos seus contemporâneos a respeito das suas composições em verso e prosa, foi considerado pela posteridade um autor de menor expressão ao ser comparado aos amigos Wordsworth e Coleridge. Deve-se destacar também que alguns destes estudos têm sido decisivos para a restituição da importância conferida por Southey a Portugal, sua história, literatura e cultural em geral (DIAS PINTO, 2007; CASTANHEIRA, 2011; RAMOS, 2013).

Southey ficou conhecido em meio à historiografia brasileira por ter escrito a primeira história do Brasil através da utilização de métodos eruditos e modernos de pesquisa (CURLY, 1967; DIAS, 1974). Contudo, pouco foi explorado como a *História do Brasil* (1810-1819) publicada em três volumes foi projetada para fazer parte da *História de Portugal*, uma obra de dimensões imperiais, que pretendia abarcar os feitos de portugueses na Ásia, na África e na América. Ao remontar as origens deste projeto monumental nos deparamos especialmente com a segunda estadia de Southey nesta nação, entre os anos de 1800 e 1801. Ao retornar a Portugal, o letrado se hospedou na casa do tio Herbert Hill, capelão da marinha inglesa em Lisboa, determinado a iniciar os trabalhos para a composição da obra (CABRAL, 1959). O relato desta segunda estadia em Portugal juntamente com as cartas privadas para amigos nas quais o letrado da os primeiros contornos ao projeto de se escrever a *História de Portugal* foram publicadas postumamente por Adolfo Cabral, em 1960 (CABRAL, 1960).

Contudo, muitos dos seus escritos relacionados diretamente com esta nação foram publicados em vida e apreciados pelos seus contemporâneos, dentre estes a sua primeira obra em prosa, isto é, o relato da sua primeira excursão pela Península Ibérica e breve residência em Portugal, as *Letters Written During a Short Residence in Spain and Portugal*, a já mencionada *História do Brasil*, a *História das Guerras Peninsulares* (1823), os romances de cavalaria *Amadis o Gaules* (1803), *Palmerin da Inglaterra* (1807), as *Crônicas de Cid* (1808) e inúmeros artigos sobre história contemporânea e história literária publicados em periódicos como o *Monthly Review*, *Critical Review*, *Edinburgh Annual Register*, *Quartely Review*.

Neste artigo, conferiremos destaque à primeira obra em prosa do letrado britânico, as *Letters Written During a Short Residence in Spain and Portugal*, publicada em 1797 e reeditada com modificações nos anos de 1799 e 1808. Esta obra foi publicada após a primeira viagem do letrado pela Península Ibérica, realizada contra sua vontade entre os anos de 1795 e 1796. Nesta oportunidade, o tio de Southey, Herbert Hill, levou o letrado para excursionar pelo interior de Espanha e Portugal, tendo por objetivo afastar o jovem sobrinho das ideias revolucionárias e polêmicas às quais ele se envolvia (CABRAL, 1959; SPECK, 2006). Southey em grande medida superaria suas primeiras impressões negativas e retornaria a Portugal entre 1800 e 1801 acompanhado da esposa Edith Flicker, sendo que nesta oportunidade estava determinado a iniciar os trabalhos para a escrita da *História de Portugal* e se estabelecer como um especialista nos assuntos internos e externos que tocam esta nação (CABRAL, 1959).

Southey escreveu as *Letters Written During a Short Residence in Spain and Portugal* sem nutrir grande simpatia pelas nações peninsulares, o que em grande medida diferencia este relato do segundo escrito nos anos de 1800 e 1801. Contudo, esta obra possui uma forte relação com as publicações historiográficas do século XVIII, em especial com as obras de David Hume (1711-1776) e Edward Gibbon (1737-1794). Pode-se destacar que a sua rejeição a Portugal se processou enredada a conceitos, linguagens e narrativas em vigor em obras de historiadores e filósofos britânicos do século XVIII. Em suas narrativas nesta obra, Southey foi mobilizado pelas perspectivas historiográficas ilustradas que apontavam para a superioridade do presente com relação ao passado. Através desta percepção, Southey enunciou o descompasso da Península Ibérica com relação às demais nações europeias, ao compreendê-la como os vestígios de um passado indesejável ainda em vigor.

Portanto, explora-se em um primeiro momento como nesta obra o jovem letrado narrou a experiência da história de Portugal como um contraexemplo, procurando demonstrar o estado presente de atraso e decadência desta nação. Para tanto, analisa-se como Southey depreciou a sociedade, os costumes, a literatura e a história de Portugal a partir do envolvimento em conceitos, linguagens e narrativas em vigor nas obras de renomados historiadores e filósofos britânicos do século XVIII. Analisa-se especialmente o *Essay on poetry and poesy of Spain and Portugal*, um texto de história literária que

constitui uma seção das *Letters Written During a Short Residence in Spain and Portugal*. Para esta análise realiza-se uma interlocução entre os escritos de Southey e as teses de J. G. A. Pocock e Hayden White a propósito das estruturas discursivas, metanarrativas e estéticas da historiografia ilustrada. Em um segundo momento, analisa-se a estética narrativa em vigor nas *Letters* com o intuito de demonstrar as ironias, sátiras e metáforas mobilizadas pelo letrado para demonstrar o descompasso de Portugal e predicar de forma ambivalente uma pedagogia universal a propósito da possibilidade de decadência da natureza humana. Por fim, explora-se como Southey se valeu do conhecimento de outros relatos de viagens sobre Portugal, especialmente a obra atribuída a William Costigan, *Sketches of Society and Manners in Portugal*, para compor as *Letters*, sendo que em ambas se processou a fusão de elementos discursivos e estéticos em vigor em gêneros distintos como as histórias filosóficas e os romances.

Da (in)existência do gênio e do gosto: Do curso de leituras históricas ao *Essay on poetry and poesy of Spain and Portugal*

Entre dezembro 1795 e julho de 1796 Southey fez sua primeira viagem pela Península Ibérica e compôs sua primeira obra em prosa, as *Letters Written during a Short Residence in Spain and Portugal with some account of poetry*, publicada em 1797. Nesta obra, o jovem letrado britânico de apenas 22 anos pretendia demonstrar o quanto esta nação lhe desagradava. A sujeira, a inexistência de uma esfera pública literária, os crimes e o fanatismo religioso foram os principais alvos das suas críticas e sátiras.

Antes de ir para Portugal, em fevereiro de 1795, Southey ministrou um curso público de leituras históricas. Esta foi uma de suas primeiras atividades remuneradas, pois após o rompimento de relações com a tia Elizabeth Tyler o jovem letrado foi confrontado com a necessidade de prover seu sustento (SOUTHEY, 1850, p. 234). O conteúdo das palestras ministradas permite a compreensão dos horizontes discursivos que mobilizavam o jovem letrado alguns meses antes da sua primeira viagem a Portugal:

Robert Southey do Balliol-College, Oxford, propõe para leitura um curso de Palestras em História, na seguinte ordem: - 1º. Introdutório: A Origem e o Progresso da Sociedade. 2º Legislação de Sólon e Licurgo. 3º Estado da Grécia da Guerra da Pérsia à Dissolução da Liga Acadiana. 4º Surgimento, Progresso e Declínio do Governo Romano. 5º Progresso do Cristianismo. 6º Maneiras e Irrupções das Nações do Norte. Crescimento dos Estados Europeus, Sistema

Feudal. 7º Estado do Império do Oeste à Captura de Constantinopla pelos Turcos, incluindo o surgimento e o Progresso da Religião Maometana e as Cruzadas. 8º História da Europa até a abdicação do Imperador Carlos Quinto. 9º História da Europa até o estabelecimento da Independência da Holanda. 10º Estado da Europa e mais particularmente da Inglaterra, da ascensão de Carlos primeiro à Revolução de 1688. 11º Progresso dos Estados do Norte, História da Europa até a Guerra Americana. 12º A Guerra Americana (SOUTHEY, 1850, p. 234) [1795].²

Do programa divulgado para o curso, pode-se destacar que Southey conhecia as principais produções historiográficas produzidas na Grã-Bretanha no século XVIII, pois em alguns tópicos o jovem letrado faz menção a obras reconhecidas publicamente neste contexto, às quais teve acesso na biblioteca da casa do amigo Grovesnor Charles Bedford (1773-1839) e na biblioteca de Bristol. A partir dos empréstimos na biblioteca de Bristol entre 1793 e 1795, pode-se depreender que para a segunda e a terceira palestra utilizou as narrativas da *History of Greece* (1784) de William Mitford (1744 -1827) e para a quarta palestra, as narrativas de Adam Ferguson (1723-1816) em [The History of the Progress and Termination of the Roman Republic](#) (1783). Para a quinta palestra, como um conhecedor de *Decline and Fall of the Roman Empire* de Edward Gibbon (1737-94), poderia mobilizar o capítulo décimo quinto, *The Progress of the Christian Religion, and the Sentiments, Manners, Numbers, and condition of primitive Christians* e para a sexta palestra, o nono, *The State of German till the invasion of the barbarians, in the time of the emperor Decius*. Para a discussão do sistema feudal, tinha o amplo panorama do texto de William Robertson *A view of the progress of society on Europe, from the subversion of the Roman Empire to the beginning of the sixteenth century*, publicado como introdução à *History of the Reign of the Emperor Charles V* (1769). A obra completa, por sua vez, poderia ser mobilizada para a oitava palestra. Os debates sobre a Revolução Inglesa de 1688 poderiam partir das narrativas de David Hume (1711-76) em *History of England* (1759), tendo em vista o recorte desta obra: “da Invasão de Júlio Cesar à Revolução de

² No Original: “Robert Southey of Balliol-College, Oxford, proposes to read a course of Historical Lectures, in the following order: -1st. Introductory: on the Origin and Progress of Society. 2nd. Legislation of Solon and Lycurgus. 3rd. State of Greece from the Persian War to the Dissolution of the Achadian League. 4th. Rise, Progress, and Decline, of The Roman Government. 5th. Progress of the Christianity. 6th. Manners and Interruptions of the Northern Nations. Growth of the European States, Feudal System. 7th. State of the Eastern Empire to the Capture of Constantinople by the Turks; including the Rise and Progress of the Mohammedan Religion and the Crusades. 8th. History of Europe, to the Abdication of Emperor Charles the Fifth. 9th. History of the Europe, to the Establishment of Independence of Holland. 10th. State of Europe, and more particularly of England, from the Accession of Charles the First to the Revolution in 1688. 11th. Progress of the Northern States, History of Europe to the American War. 12th. The American War” (SOUTHEY, 1850, p. 234) [1795].

1688". Por último, as reflexões sobre história contemporânea poderiam partir de Edmund Burke (1720-97) em *An Impartial History of the War in America* (1780).³

O letrado iniciou suas palestras históricas discorrendo sobre “A origem e o progresso da sociedade”, prossequindo com leituras sobre o desenvolvimento histórico, perpassando a antiguidade grega, romana, a formação da Europa feudal e a história contemporânea. O curso ministrado em 1795 evidencia o enredamento de Southey nos conceitos, linguagens e narrativas em vigor na historiografia de finais do século XVIII. Segundo John Burrow, a constituição do campo discursivo em vigor nas obras de historiadores e filósofos como Adam Smith, David Hume, Edward Gibbon e William Robertson se processou perante a diferenciação do presente, concebido como “polido”, “refinado”, “civilizado” e “ilustrado”, vocabulário por sua vez definido em oposição a épocas passadas, adjetivadas como “rudes”, “iletradas”, “supersticiosas”, “bárbaras” e “anárquicas” (BURROW, 2008, p. 332). Para Burrow, este vocabulário evidencia que a historiografia do século XVIII se afastava da exemplaridade das narrativas clássicas. Assim, a experiência da leitura histórica foi impulsionada pela sensibilidade à ampliação do distanciamento entre passado e presente, concebido como passível de ser transposto através do emprego da imaginação retrospectiva e da erudição (BURROW, 2008, 328). Dessa forma, Burrow define como esta sensibilidade histórica progressista se constituiu enredada à sua exposição macronarrativa:

Crucial para o surgimento do gênero Ilustrado de história dos costumes, maneiras e opinião foi o que veio ser visto como um indisputado fato da história europeia: ‘o progresso da sociedade’. O crescimento do comércio e o fim da ‘anarquia feudal’, o ‘renascer do aprendizado e a superação dos antigos’ na descoberta do Novo Mundo, os textos impressos e os melhoramentos nas artes das guerras [...] contribuíram para esta percepção. Com isto, podemos adicionar a concepção de suavização das ‘maneiras’ com relação aos séculos anteriores, nos quais o duro, pedante, violento e intolerante zelo religioso e polêmicas dos tempos da Reforma contrastavam com o cultivo da polidez no

³ William Speck expõe que Southey iniciou as leituras de Voltaire, Hume e Gibbon com a idade de 15 anos, tendo acesso a estes livros na biblioteca da casa do amigo Grovesnor Charles Bedford. Segundo o biógrafo, a *History of Greece*, de William Mitford, e a [The History of the Progress and Termination of the Roman Republic](#), de Adam Ferguson, foram tomadas de empréstimo na biblioteca de Bristol no ano de 1795. Já Adolfo Cabral, afirma ter tido acesso aos registros dos empréstimos de Southey na biblioteca de Bristol entre 1793 e 1795, o que possibilitou ao biógrafo a exposição das leituras do letrado. Dentre os livros citados, destacam-se os que se relacionam com o curso. *The History of the Reign of Charles V*, de William Robertson, *Wealth of the Nations*, de Adam Smith, *History of the Indies*, do Abade Raynal e *The History of Philosophy*, de William Enfield (SPECK, 2006, p. 17, 55; CABRAL, 1959, p. 96-107).

século dezoito, no qual a tolerante sociabilidade foi a marca de um refinamento da sociedade que era delicada, humana e racional (BURROW, 2008, p. 313).⁴

J.G.A. Pocock explora as especificidades do processo de formação desta estrutura macronarrativa na série *Barbarism and Religion*, na qual são abordados os contextos discursivos em vigor na obra de Edward Gibbon *Decline and Fall of Roman Empire* (1776-88). A partir da compreensão das dinâmicas multicêntricas das ilustrações exploradas através das obras de filósofos e historiadores como Pietro Giannone, Voltaire, Raynal, Smith, Robertson, Hume, Adam Ferguson e Gibbon, Pocock investiga como as macronarrativas destes letrados foram respostas eficientes à sensibilidade ao afastamento do presente em relação ao passado. No entanto, Pocock destaca como estas macronarrativas estavam envolvidas em uma dinâmica ambivalente, por serem, ao mesmo tempo, autocongratulatórias e autocondenatórias (POCOCK, 2005, 247). Segundo Pocock, o julgamento filosófico no qual emergia a compreensão do medievo como a era do “barbarismo e religião”, a “era do milênio cristão”, coexistia com a compreensão da sua importância formativa, assim, os valores e maneiras sociais em vigor lançavam suas raízes na obscuridade do passado rejeitado (POCOCK, 2005, p. 13).

A era de barbarismo e religião se estendia ao século XVII devido à permanência de violentas guerras entre católicos e protestantes, tendo se iniciado com o “declínio” da virtude republicana romana narrada pelo historiador Tácito. Esta virtude foi confrontada por “rudes” bárbaros nórdicos, que promoveram gradativas mudanças culturais impulsionados pela formação de sociedades agropastoris (POCOCK, 2005, p. 12-13). Os benefícios advindos com a agricultura e criação de animais possibilitaram aos povos bárbaros a fixação na terra, dando início a um processo histórico no qual se sucedeu a ampliação da circulação de objetos, pessoas e letras, ou seja, a ampliação das trocas culturais, que se mundializariam com o posterior surgimento da imprensa e dinamização transatlântica do comércio (POCOCK, 2005, p. 37-64). Pocock demonstra

⁴ No original: “Crucial to the emergence of the Enlightenment genre of the history of customs, manners and opinion was what was coming to be seen as an indisputable fact of European history: ‘the progress of society’. The growth of commerce and the end of the ‘feudal anarchy’, the ‘revival of learning and the surpassing of the ancients’ in the discovery of the New World and the printing press and the improvements in the arts of war [...] all contributed to this perception. To this came to be added a conception of the improvement of ‘manners’ over the previous to centuries, from the rough, pedantic, fiercely intolerant religious zeal and polemics of the time of the Reformation to the eighteenth-century cultivation of a polite, tolerant sociability as the mark of a refined society which was mild, humane and rational” (BURROW, 2008, p. 313).

como esta sensibilidade ao distanciamento e interconexões entre passado e presente esteve enlaçada à teoria dos estágios sistematizada por Adam Smith nas *Lectures on Jurisprudence*, de 1762. Esta estabelecia que o processo histórico evoluía natural e teleologicamente por quatro épocas, a saber, a época dos pastores e coletores, ou seja, o tempo no qual os “selvagens” não dominavam os instrumentos para arar a terra, criar animais, realizar intercâmbios literários e monetários; a época dos pastores nômades, identificada historicamente à chegada dos “ferozes” e “rudes” “povos do norte” ao Império Romano; a época da agricultura, identificada ao período feudal no qual aconteceu um longo período de acomodação cultural dos “povos do norte” nos antigos domínios do Império, e, finalmente, a época do comércio, identificada ao “refinado” presente da letrada Europa central (POCOCK, 1999b, p. 309-330).

No primeiro volume da série, *The Enlightenment of Edward Gibbon (1737-64)*, Pocock explora como o letrado britânico antes de escrever *Decline and Fall* enfrentou no *Essai sur l' étude de la littérature*, escrito em Lausanne, na Suíça, em 1758, os desafios da composição literária sem prescindir das “nobres faculdades da imaginação e do julgamento” (POCOCK, 1999a, p. 208-239). Pocock analisa as inter-relações entre imaginação, julgamento e ironia em Gibbon a partir deste texto de juventude, com o intuito de demonstrar como os métodos e técnicas narrativas em vigor posteriormente em *Decline and Fall* lançam raízes em debates literários cosmopolitas a respeito da erudição e exemplaridade clássica. Gibbon se posicionou perante a tradição literária francesa ao expor que se o poeta Charles Perrault (1628-1703) não tivesse “[...] imitado as ações dos heróis Homéricos, poderia ter aprendido muito mais sobre eles e si mesmo ao examinar as diferenças entre suas maneiras, sua moral e de seu mundo” (POCOCK, 1999a, p. 223). Se a imitação não era a forma adequada de lidar com a herança do passado, igualmente, o seu esquecimento era concebido como reprovável. Pocock expõe que segundo Gibbon o “polido” dramaturgo contemporâneo francês Bernard le Bouyer de Fontenelle (1657-1757) equivocou-se igualmente ao ridicularizar como “pedantes” os eruditos estudantes das antiguidades gregas e romanas. Os filósofos franceses concebiam os estudos da antiguidade separados dos das belas-letas, e, para Gibbon, as “austeridades matemáticas” de Jean le Rond d'Alembert (1717-1783) o impossibilitava de compreender a importância da erudição (POCOCK, 1999a, 219, 239).

Na querela entre antigos e modernos, Gibbon ridicularizava a imitação dos clássicos assim como se afastava dos que ratificavam a impossibilidade de se aprender com os estudos sobre o passado. Partindo dos *Ensaio Políticos* de Hume, Gibbon expunha que “os antigos gregos não compreendiam o que era o bom governo”, porém, a narrativa das “furiosas e tumultuosas facções” oferecia mais à imaginação que a “admirável” burocracia moderna, capaz de excitar somente a mais “frígida das paixões”. Para Gibbon, “[...] as belezas que alimentam o coração e suas afeições, podem apenas ser encontradas na poesia e na história do antigo mundo de encontros diretos, o que se tornou remoto na vida dos humanos modernos”, sendo necessário que os “contemporâneos aprendessem a pensar historicamente” (POCOCK, 1999a, p. 221). No entanto, apesar do “coração humano poder conhecer a si mesmo somente em um mundo de ações diretas e encontros”, a “poesia antiga estaria fora de lugar na sociedade moderna” (POCOCK, 1999a, p. 220). Dessa forma, se a imaginação podia ser excitada somente em confronto com o mundo antigo, somente na sociedade moderna que dela podia se tirar proveito. Tornava-se possível, então, aprender com a história através da diferenciação de épocas, pois o leitor contemporâneo podia tanto se entreter com os excessos e imprevisibilidades das paixões passadas quanto se instruir criticamente ao certificar a inadaptação destas à refinada sociedade contemporânea. Assim Gibbon, antecipando Burke, compreendia “os preconceitos não apenas como inevitáveis, mas também justificáveis pelo seu contexto”, tornando possível a partir do “estudo dos preconceitos dos outros a emancipação dos próprios preconceitos” (POCOCK, 1999a, p. 231).

A contextualização do passado coexistia com o julgamento filosófico, o que não permitia, por exemplo, a recuperação de Milton como um exemplo, pois sua tentativa “de narrar as ações do Onipotente como combate heroico foi no fim hilariamente fracassada, não porque lhe faltava gênio, mas porque o gênio estava fora do lugar” (POCOCK, 1999a, p. 221). Assim, a leitura dos autores do passado podia excitar a imaginação, entretanto, estes deveriam ser corrigidos em face aos avanços que vigoravam no presente. Pocock expõe que para Gibbon a análise da literatura de forma erudita “tornava-se o estudo da história” ao “possibilitar a expansão do estudo dos contextos, apresentados como produto das artes e das imprevisíveis ações humanas”, sendo que esta contextualização

era seguida da interpenetração das avaliações do que o homem tinha sido e do que tinha de ser (POCOCK, 1999a, p. 224). Portanto, os “poetas antigos ao pintarem o passado de que o presente foi uma extensão encorajavam-no tanto a unir-se a ele quanto a se distanciar” (POCOCK, 1999a, p. 220), sendo que desta relação complementar e conflitante entre imaginação e julgamento emergia uma postura irônica perante a escrita, a leitura e o processo histórico.

A compreensão de um texto em seu contexto histórico era uma tarefa para imaginação. Era necessário situar a si mesmo no mundo de Virgílio e Augusto - *se donner les yeux des anciens* - para entender como a *Aeneid* e as *Georgics* tinham sido escritas, ouvidas ou lidas pelos habitantes daquele mundo. A imaginação requeria o julgamento necessário para autenticar um texto, o gosto necessário para avaliar isto e finalmente o julgamento civil, político e filosófico necessário para escolher entre ou combinar as várias prováveis explicações de um evento, as várias causas que poderiam plausivelmente ser ligadas a ele. O julgamento era uma educação em probabilidade na necessidade de escolher o *méthode* sobre o *systeme* e em última análise de forma irônica. Para Gibbon – que deixava seu leitor consciente que o *événement particulier*, a ação ou motivação de um indivíduo, a ação que tinha tomado muitos autores em suas performances, nunca seria esgotada, embora pudesse ser iluminada pelas operações de uma lei geral – já teria declarado que não existia nenhum prazer igual aquele de assistir, compreender e comportar que é anômalo ou ambíguo, como aqueles dos atores comportando-se como você não esperaria ou coisas acontecendo aonde você não esperaria que acontecessem (POCOCK, 1999a, p. 239).⁵ [Grifo nosso]

Hayden White investiga na obra *Meta-História* como a coexistência entre a compreensão contextual dos fatos e o julgamento em narrativas holísticas de progresso compostas pelos letrados do século XVIII, em especial historiadores, estiveram imersas em ambivalências, que se expressavam através de atitudes éticas, epistêmicas e estéticas estruturadas de forma irônica e cética e vazadas satiricamente. O autor expõe como os princípios metanarrativos que envolviam letrados como Voltaire, Montesquieu, Hume, Gibbon e Kant se contrapunham ao próprio passado a ser narrado, pois se o objetivo

⁵ No original: “The understanding of a text in its historical context was a task for the imagination. It was necessary to situate oneself in the world of Virgil and Augustus – *se donner les yeux des anciens* – in order to understand how the *Aeneid* and the *Georgics* had been written, heard or read by inhabitants of that world. Imagination entailed judgment: the critical judgment needed to authenticate a text, the taste needed to evaluate it, and finally the civil, political and philosophical judgment needed to choose between or combine the various probable explanations of an event, the various causes that could plausibly be assigned to it. Judgment was an education in probability, in the need to choose *méthode* over *systeme*, and in the last analysis in irony; for Gibbon –who leaves his reader aware that the *événement particulier*, the action or motive of an individual, the action which has taken many actors to perform it, never conforms to though it may be illuminated by the operation of a general law– has already declared that there is no pleasure equal to that of watching, and understanding, behaviour which is anomalous or ambiguous, that of actors behaving as you would not expect them to behave or things happening where you would not expect them to happen” (POCOCK, 1999a, p. 239). [Grifo nosso]

inicial era demonstrar o progresso social através do tempo, este “[...] fim para o qual a representação histórica se destinava a contribuir era inconsistente com os meios realmente utilizados na construção das narrativas históricas” (WHITE, 1992, p. 62). Logo, os letrados do século XVIII “escreviam a história contra a própria história, ou pelo menos contra aquele segmento da história que vivenciavam como ‘passado’” (WHITE, 1992, p. 72). O vocabulário mobilizado por estes letrados funcionava em oposição ao contrapor valores “supersticiosos ou irracionais”, usualmente atribuíveis ao passado a valores “esclarecidos ou racionais”, usualmente atribuíveis ao presente. Entretanto, estes letrados não dispunham de instrumentos teóricos para “confirmar ou negar em definitivo essa concepção do significado da história” (WHITE, 1992, p. 79).

A impossibilidade de idealizar o presente e a sua compreensão cética fundou-se na “concepção de natureza humana” corrompida ou como enunciado por Herder na constatação da “‘evidente bipolaridade’ da natureza humana”. Apesar de tentarem narrar o progresso através da história, em última instância o processo era concebido “irracional em sua essência”, pois as reprováveis “paixões”, “emoções”, “ignorâncias” e “superstições” estavam conectadas causalmente ao presente. Sendo assim, mais do que o “senhor” do mundo, o homem era concebido como “essencialmente um cativo”, sendo a “consciência e a vontade humanas” insuficientes no desafio de “sobrepular em definitivo a força obscura da morte” (WHITE, 1992, p. 24). Dessa forma, segundo White, a ironia manifestava-se nas obras destes letrados em duas dimensões, tanto na metanarrativa, podendo ser evidenciada através das ambivalências entre o fim último (*telos*) almejado para o processo histórico e o passado, quanto na dimensão estético-formal das narrativas, devido ao recorrente emprego de sátiras (ironias militantes) na caracterização de eventos (WHITE, 1992, p. 44).

Ao explorar como o ceticismo, a ironia e as sátiras manifestaram-se em Gibbon, Hume, Kant e Voltaire, White enfatiza como compreensões ambivalentes do processo histórico vigoraram nos escritos destes letrados, que concebiam tanto o progresso quanto a decadência na história. Particularmente com relação a Hume, o autor expõe como a conceituação da natureza humana como insensata, atitude cética, impossibilitou o letrado britânico de idealizar o presente em suas narrativas holísticas de progresso,

estruturadas metanarrativamente de forma irônica e vazadas estilisticamente através do emprego de sátiras:

A forma cética que o racionalismo tomou ao refletir sobre sua época estava destinada a inspirar uma atitude puramente irônica com relação ao passado quando utilizado como princípio de reflexão histórica. O modo em que foram vazadas todas as grandes obras históricas do período foi o da ironia, daí resultando que todas tendessem para a forma sátira, realização suprema da sensibilidade literária daquela época. Quando Hume passou da filosofia para a história, porque sentia que a filosofia se tornava desinteressante em razão das conclusões céticas a que fora compelido, trouxe para o estudo da história a mesma sensibilidade cética. Achou ela cada vez mais difícil, porém, manteve o interesse por um processo que só lhe exibia o eterno retorno da mesma insensatez em muitas formas diferentes. Viu no registro histórico pouca coisa mais do que o registro da loucura humana, o que o levou por fim a se sentir tão entediado com a história como já se sentira com a filosofia (WHITE, 1992, p. 68).

William Speck expõe que por volta dos quinze anos, em Westminster, Southey teve acesso às leituras de Rousseau, Voltaire, Goethe, Gibbon e Hume na biblioteca da família do amigo Grovesnor Charles Bedford (1773-1839). O biógrafo escreve que Southey logo na adolescência assumiu uma postura crítica com relação às leituras de Gibbon, Hume e Voltaire, em especial, com relação às suas perspectivas concebidas como “anticristãs”. Para Speck, Rousseau foi uma referência mais decisiva na definição da sua “pessimista interpretação da história”. Contudo, Speck expõe que a sua caracterização negativa do movimento Flagelante durante os séculos XIII e XIV se “inspirou” em Voltaire e Gibbon (SPECK, 2006, 17, 30). Em uma carta enviada à Horace Walpole Bedford (1776-1807), Southey expôs sua apreciação de Rousseau que, segundo ele, era compreendido erroneamente como um “infiel”, e, a sua antipatia pelo “aristocrata” e “desprovido de princípios” Voltaire. O jovem letrado criticou o filósofo e historiador Hume por sua suposta profissão ao deísmo, pois esta compreensão da religiosidade podia ser secundada somente por letrados polidos, não podendo ser absorvida pela população:

Deísmo – fará bem para o filósofo cujas frígidas e calmas paixões podem ser governadas pelos princípios da razão e moralidade – mas as mentes dos milhões requerem um vínculo mais poderoso. Este deve ser acionado pelas esperanças de medo e temor, as duas molas mestras admiravelmente tocadas pela religião. Mesmo um deísta não negaria isto. Os melhores e mais sábios da humanidade tem acreditado nesta religião; uma matéria onde a Razão falha ao raciocinar é um absurdo. Isto é impossível em favor de qualquer coisa onde

tudo jaz sobre suposição. Hume foi um vão sofista, um historiador parcial, um amigo frio (SOUTHEY, 1793).⁶

Mesmo Southey discordando da postura de Hume, concebida como deísta, e, considerando-o um “historiador parcial”, de “frígidas e calmas paixões”, pode-se identificar o enredamento do jovem letrado em perspectivas vigentes na obra do historiador e filósofo escocês. A vigência da teoria dos estágios pode ser identificada na narrativa dos acontecimentos das suas excursões em Portugal nas *Letters*:

No Jardim Botânico minha atenção esteve principalmente engajada em duas estátuas desenterradas neste reino uns poucos anos atrás e agora expostas em cada lado da porta do jardim, expostas ao tempo! Uma é um pouco maior que a outra, mas ambas têm a mesma atitude e representam um homem, suas mãos quase caindo, seguram um pequeno escudo; evidentemente muito rudes para uma era muito avançada em civilização, embora elas são muito superiores aos esforços de uma época bárbara. Estas estátuas dão amplo espaço para conjectura, elas guiam-me a refletir sobre muitos estupendos trabalhos de arte, que foram admiráveis nas eras anteriores e das quais os autores foram mesmo esquecidos (SOUTHEY, 1797, 402-403).⁷ [Grifo nosso]

Através da perspectiva conjectural da teoria dos estágios, Southey acreditava ser possível precisar o desenvolvimento histórico da literatura ibérica, para tanto, publicou nas *Letters* o *Essay on poetry and poesy of Spain and Portugal*, com o intuito de comparar a literatura destas nações às obras de ingleses, franceses e italianos. Southey escreve no *Ensaio* que durante as épocas de autores britânicos como Geoffrey Chaucer (1343-1400), John Barclay (1582-1621), John Harrington (1561-1612) e dos italianos Giovanni Boccaccio (1313-1375) e Torquato Tasso (1544-1595), a literatura de Portugal e Espanha não manteve intercurso com as produções de outras nações. Este fator diferenciava os

⁶ No original: “Deism — will do well for the philosopher whose cool calm passions may be governed by the principles of Reason & Morality — but the minds of the million require a more powerful tie. They must be actuated by hope and fear two master springs admirably touched by religion. Even a Deist will not deny this. The best e wisest of mankind have believed this religion; upon a subject where Reason fails to reason is absurd. It is impossible in favour of any thing where every thing must rest upon supposition. Hume was a vain sophist, a partial historian and a cold friend” (SOUTHEY, 1793). Esta carta foi acessada no projeto online coordenado por Linda Pratt, *Romantic Circles Eletronic Edition: The Colected Letters of Robert Southey*. Este formato de edição não segue numeração de páginas, portanto, deixo como referência o link para a consulta: http://romantic.arhu.umd.edu/editions/southey_letters/Part_One/HTML/letterEEd.26.54.html

⁷ No original: “In the Botanic Garden my attention was principally engaged by two statues dug up in this kingdom a few years back, and now stuck up on each side of the door of the garden, and exposed to the weather! The one is somewhat larger than the other, but both are in the same attitude, and represent a man, his hands hanging down, and holding with both a small round shield; evidently too rude for an age far advanced in civilisation, they are yet much superior to the efforts of a barbarous one. These statues give ample room for conjecture; they led me to reflect on many stupendous works of art, which were wondered at in the earliest ages of history, and of which the authors were even then forgotten” (SOUTHEY, 1797, 402-403). [Grifo nosso]

escritores ibéricos de um cânone de escritores quatrocentistas e quinhentistas, tendo em vista que os letrados das outras nações europeias emulavam os antigos e buscavam inspiração e exemplo nas obras de seus contemporâneos, constituindo uma cultura literária cosmopolita (SOUTHEY, 1797, p. 123). Assim, para Southey, Portugal e Espanha não alcançaram efetivamente a era do “gênio”, situada entre os séculos XIV, XV, XVI, que precedia à era do “gosto” no século XVIII. As faculdades do “gosto” só poderiam ser alcançadas a partir do cuidadoso cultivo e desabrochar do “gênio”, uma fase antecessora e fundamental, que tinha suas raízes mal situadas, pois os primeiros poetas expressaram seus pensamentos sem rejeitar a incongruência ou escolher a linguagem mais adequada (SOUTHEY, 1797, p. 124).

Para Southey, a literatura estava submetida a um desenvolvimento progressivo que não podia prescindir das suas raízes. Antes das correções de Alexander Pope (1688 –1744) ou da união entre imaginação e julgamento de Thomas Gray (1716-1771); Abraham Cowley (1618-1667) e John Dryden (1631-1700) haviam lançado as sementes da literatura britânica. Da mesma forma, a grandeza do poeta italiano Tasso teria sido possível em face à precedência de Dante Alighieri (1265–1321), Luigi Pulci (1432 – 1484) e [Matteo Boiardo](#) (1441-1494) (SOUTHEY, 1797, p. 124-125). Tendo em vista esta dimensão da formação gradativa que caracterizava o progresso nas letras, Southey expõe que Portugal e Espanha nunca alcançaram a “era do gosto”, pois o crescimento do “gênio” teria sido rápido e curto, seu declínio lento e contínuo (SOUTHEY, 1797, p. 125). Para Southey, o espírito de conquista elevou os costumes hispânicos à ostentação, acompanhada da dupla tirania de monarcas e padres, assim como o espírito de aventura dos espanhóis na América levou o povo à pobreza após a morte do “detestável” Filipe II. De forma semelhante, a “louca” expedição de Dom Sebastião custou a soberania da nação portuguesa, o que foi de grande prejuízo para o caráter do povo, perdido “para sempre”, mesmo após a restauração da casa de Bragança (SOUTHEY, 1797, p. 126).

A decadência de Espanha e Portugal seria análoga à queda dos antigos Impérios, sendo este o fator decisivo para o perecimento do “gênio”:

Quando as nações declinam então declinam o gênio de seus indivíduos. Eles crescem juntos e juntos eles caem e sua participação na glória nacional ou degradação é uniforme. O gênio ateniense pereceu com a liberdade de Atenas e a literatura Romana teria se tornado desprezível antes dos Góticos a destruírem

(SOUTHEY, 1797, p. 125).⁸

Southey mobiliza a analogia com a antiguidade como um critério para explicar a decadência dos Impérios Ibéricos e os efeitos na literatura, no entanto, a exemplaridade clássica no *Ensaio* é deslocada perante a grandiosidade da literatura dos séculos XIV, XV e XVI produzida por italianos, franceses e britânicos. Southey não cita nenhum autor antigo, pois seu objetivo era construir um cânone literário envolvido em permanências quatrocentistas e quinhentistas, por sua vez, concebido como conectado às obras dos autores do século XVIII, responsáveis por restaurar as letras de um “falso gosto” metafísico responsável por afetar toda literatura europeia do século XVII (SOUTHEY, 1797, p. 126).

Desse modo, o jovem Southey partiu de um cânone cosmopolita de autores para definir os germes que caracterizavam o povo e a literatura de franceses, ingleses, alemães, portugueses e espanhóis. Assim, para Southey, era problemático o fato de Espanha e Portugal terem alcançado o auge da composição literária envolvidos no desejo de conquista, enquanto os homens de letras de outras nações se abriam para o intercâmbio cosmopolita das ideias, o que possibilitou o amadurecimento pleno do “gênio”. Entretanto, o letrado compreendia que estes clássicos da “era do gênio” deveriam ser corrigidos em suas carências e excessos pelos herdeiros mais avançados em civilização do século XVIII, na “era do gosto”, o que não poderia ser realizado em Espanha e Portugal, tendo em vista a decadência contemporânea destas nações dominadas pela Inquisição e pelo despotismo, que não permitiam a circulação de obras capazes de possibilitar a emergência e o refinamento do “gosto” (SOUTHEY, 1797, p. 128-130).

Com efeito, para Southey, Portugal e Espanha não alcançaram o amadurecimento literário pleno tanto na “era do gênio”, durante os séculos XIV, XV e XVI, quanto na “era do gosto”, durante o século XVIII, sendo evidente o descompasso destas nações com as demais da Europa. A vigência da conceituação de Portugal e Espanha como nações atrasadas e decadentes em vigor no *Ensaio* emergiu envolvida no campo discursivo em

⁸ No original: “As nations decline so declines the genius of their individuals; they have risen together and together they fallen, and this participation of national glory or national degradation is uniform. Athenian genius perished with the liberty of Athens, and Roman literature had become contemptible long before the Goths destroyed it” (SOUTHEY, 1797, p. 125).

vigor nas obras de renomados historiadores como Gibbon, Hume e Robertson. Estes historiadores concebiam a superioridade do presente europeu, do século XVIII, em contraposição ao passado, por sua vez, identificado ao barbarismo feudal e ao fanatismo religioso. Em particular, com relação à história da Grã-Bretanha, a constituição de 1688 e o Ato de União entre Escócia e Inglaterra em 1707 eram tidos como marcos para a autoconsciência do afastamento do presente compreendido como polido e enriquecido pelo comércio em oposição ao passado marcado pela fragmentação política e guerras de religião (POCOCK, 1999b, passim). Dessa forma, os costumes, maneiras, instituições, religião e a literatura de Portugal e Espanha eram facilmente associados por Southey às permanências de um passado que em grande medida era perspectivado como distante do presente das nações europeias concebidas como mais avançadas. Sendo assim, analisa-se na próxima seção como Southey expressou esteticamente esta conceituação pejorativa nas *Letters Written During a Short Residence in Spain and Portugal*.

IRONIAS, SÁTIRAS E METÁFORAS: A ESTÉTICA NARRATIVA EM VIGOR NAS *LETTERS WRITTEN DURING A SHORT RESIDENCE IN SPAIN AND PORTUGAL*

A edição de 1797 das *Letters* é constituída por 30 cartas, que relatam as impressões do jovem viajante sobre o cotidiano, os costumes e instituições de Espanha e Portugal, misturadas com poesias do próprio letrado britânico e poesias, fábulas, diálogos, epigramas, tabelas estatísticas e textos em prosa de autores ibéricos. As poesias de autores espanhóis e portugueses em muitas ocasiões são seguidas das respectivas traduções. Como grande parte das poesias são apresentadas misturadas às impressões de viagens, o letrado oferece um índice após o sumário que possibilita o leitor consultar somente as produções literárias ibéricas produzidas por diversos autores em contextos específicos. Em muitas ocasiões, as expressões literárias ibéricas são citadas como provas do estado de decadência destas nações testemunhadas visualmente pelo letrado. Apesar do caráter assistemático da obra, Southey teve um objetivo bem claro ao publicá-la, ou seja, mostrar o quanto excursionar e viver em Portugal e Espanha era desagradável para um homem civilizado (CABRAL, 1959; CASTANHEIRA, 2011).

Um recurso estilístico mobilizado por Southey para identificar o atraso e a decadência da literatura, história e sociedade das nações peninsulares foram as sátiras. Tendo em vista que um dos critérios utilizados para mensurar o desenvolvimento das nações era o crescimento populacional coetâneo à multiplicação dos bens culturais, Southey mobilizou as narrativas do cronista seiscentista Antonio de Macedo (1606-1682) com o intuito de caracterizar satiricamente o estágio de desenvolvimento da população portuguesa:

Uma das muitas excelências de Portugal é esta grande população. Você duvida disto? Macedo lhe diz que Tubal em sua morte deixou 61 mil descendes. Duvida deste tão remoto fato? Portugal continha quinhentos e sessenta e oito mil habitantes nos tempos de Augusto. Mas você quer saber se Portugal é populoso no presente. Sua prova é decisiva. Blanca da Rocha, a esposa de Rodrigo Monteiro, teve catorze filhos em um parto, que foram todos batizados. Maria Marcela teve sete em um parto, e todos entraram para a igreja, grande benefício para população, sem dúvida! E Inez Casal de Gueday foi casada sete vezes e teve cento e nove filhos (SOUTHEY, 1797, p. 283).⁹

A supersticiosidade do relato do cronista tornava-se evidente para os leitores britânicos, pois em outras partes da obra análises de letrados e políticos portugueses do século XVIII que problematizavam a decadência e o atraso do Reino foram apresentadas. Southey apresenta uma tabela da obra *Discurso jurídico econômico-político* (1788), composto pelo bacharel em Direito pela Universidade de Coimbra Domingos Nunes de Oliveira, na qual a decadência da população da Comarca de Castelo Branco é exposta a partir da comparação do contingente habitacional nos anos de 1706, 1755 e 1786 (SOUTHEY, 1797, p. 495). A decadência de toda a nação podia ser comprovada pelos leitores no *Memorial on the State of Portugal*, título dado por Southey à sua tradução resumida (abridgment) de um manuscrito composto pelo ministro Dom Luis da Cunha (1662-1749), que, segundo o letrado britânico, não era de conhecimento do público leitor português. Neste resumo do manuscrito, que Southey afirma ter sido composto originalmente por volta de 1740, são apresentados elementos que comprovavam a

⁹ No original: “One of the many excellences of Portugal is its great population. Do you question this? Macedo tells you that Tubal at his death left sixty-five thousand descendants. Do you object to this as as too remote fact? It contained five hundred and sixty-eight thousand inhabitants in the time of Augustus. But you want to know if it be populous at present. His proof is decisive. Blanca de Rocha, the wife of Rodrigo Monteiro, had fourteen children at a birth, who were all baptized. Maria Marcella had seven at a birth, who all entered the church, greatly to the benefit of population no doubt! And Inez del Casal de Gueday was married seven times, and had an hundred and nine children” (SOUTHEY, 1797, p. 283).

superioridade da mais desenvolvida Espanha em relação ao estado de decadência de Portugal (SOUTHEY, 1797, p. 408-463).

Através da utilização de textos de letrados portugueses do século XVIII, mais do que demonstrar o potencial de Portugal em superar a decadência e o atraso do reino, o jovem letrado dava ênfase ao fato de as produções intelectuais não circularem em meio ao povo iletrado. Para Southey, em Portugal e Espanha, ao contrário da Grã-Bretanha, os indivíduos não desfrutavam, no âmbito doméstico, dos benefícios civilizacionais da literatura, ou seja, as produções dos acadêmicos ibéricos tornavam-se mais conhecidas no exterior do que nas respectivas nações. A circulação das obras literárias, para Southey, possibilitava a formação de uma opinião pública crítica, capaz de articular os interesses domésticos e a intimidade dos indivíduos, às demandas políticas Estatais, podendo estas serem harmonizadas em um todo social. Sendo assim, os indivíduos não podiam refinar a brutalidade dos arcaicos costumes, pois as paixões não eram ajustadas em face à apreciação do refinamento da literatura contemporânea. Na Espanha, Southey afirma ter visto em Corunha

[...] uma tradução de Adam Smith, A Riqueza das Nações. Quais mutilações a obra pode ter sofrido não sei, mas certamente nenhuma mutilação prevenirá tal trabalho de produzir o bem na Espanha. Uma tradução da Senhorita Lee, O Recesso, é anunciada. Trabalhos desta natureza geram gosto pela leitura, e até o gosto se tornar geral é vão esperar qualquer efeito benéfico da literatura (SOUTHEY, 1797, p. 114).¹⁰ [Grifo nosso]

A obra *A Riqueza das Nações* (1776) de Adam Smith e o romance histórico *O Recesso, ou um conto de outros tempos* (1783), poderiam refinar o gosto dos leitores espanhóis, porém, beneficiariam o progresso da nação em sua totalidade somente se o polimento do gosto alcançasse dimensões públicas quantitativamente significativas. Como em Portugal, Southey não identificava as ressonâncias sociais do refinamento do gosto, por isso teceu duras críticas à ociosidade das reflexões dos letrados daquelas nações.

Dessa forma, a Academia Real de Ciências de Lisboa foi alvo constante de sátiras nas *Letters*. Com relação à premiação da obra *Ensaio sobre a extensão dos limites da*

¹⁰ No original: “[...] a translation of Adam Smith on the Wealth of the Nations. What mutilations it may have undergone I know not, but surely no mutilation can prevent such a work from producing good in Spain. A translation of Miss Lee’s Recess is advertised. Works of this nature generate a taste for reading, and till this taste becomes general, it is in vain to expect any beneficial effects from literature” (SOUTHEY, 1797, p. 114). [Grifo nosso]

beneficência a respeito, assim dos homens, como dos mesmos animais (1793) escrita pelo Conde Leopoldo Berchtold (1738-1809), escritor de textos em inglês e alemão, Southey escreve que efetivamente suas “prazerosas” “teorias da caridade” não tinham impacto em meio à iletrada população, que nem mesmo sabia da existência do seu nome (SOUTHEY, 1797, p. 368). Em outra oportunidade, satiriza o fato dos acadêmicos utilizarem no dicionário da instituição os mesmos argumentos de Antonio de Macedo para justificar a grandeza da língua e da nação portuguesa. O cronista português ratifica a grandeza da língua portuguesa afirmando que a sua antiguidade remonta ao episódio bíblico da Torre de Babel, sendo que após este Tubal, filho de Noé, trouxe a Portugal esta perfeita e harmônica língua, apta a todos os estilos e tão próxima ao latim (SOUTHEY, 1797, p. 285-287). Southey afirma que para provar os argumentos de Antonio de Macedo os letrados produziram uma longa dissertação: três páginas! (SOUTHEY, 1797, p. 288). O grau da sátira era ampliado a seguir através da anedota: “Tudo isto me lembra dos esquimós, que distinguem a si mesmos do resto da humanidade pelo título de Homens. Um destes homens viu um macaco empalhado na Inglaterra e declarou na última agitação que era um esquimó velho e pequeno!” (SOUTHEY, 1797, p. 288).

Para Southey, o emprego da sátira não deslegitimava suas cartas, pois ele foi testemunha visual dos fatos: “[...] tenho relatado o que tenho visto. Das abundantes anedotas, não existe nenhuma que duvide da autenticidade. Não existe nenhuma inquirição formal sobre comércio e política, tenho narrado somente fatos, e, o leitor pode comentar por si mesmo” (SOUTHEY, 1797, p. 5). As várias “imitações poéticas” de autores lusos e hispânicos, apesar de “livres”, eram “fiéis”, o que podia ser conferido no original anexado em notas. As cartas que relatavam a jornada pela Península eram minuciosas, podendo os detalhes serem “úteis para aqueles que podem viajar pelo mesmo caminho e prazerosa para os já familiarizados” (SOUTHEY, 1797, p. 5-6). Naturalmente, não era seu objetivo produzir uma inquirição formal e sistemática sobre política e comércio, pois o comprometimento do jovem letrado estava desvinculado do decoro, da contenção emotiva e formal das narrativas clássicas. Assim, ao se envolver passionalmente na narrativa, tinha a intenção de expor de forma verossímil como as questões públicas estavam enredadas à domesticidade, às maneiras em vigor naquelas sociedades.

Nesse sentido, a improdutividade do reino foi constantemente ressaltada, pois este estado de coisas era o fruto da preguiça de homens e mulheres ignorantes, que ao invés de ararem a terra se deleitavam nas danças e jogos de cartas (SOUTHEY, 1797, p. 269). Por outro lado, se o excesso das paixões impossibilitava o crescimento produtivo do reino, a repressão ascética das sensações corporais era uma atitude igualmente reprovável, sendo antinaturais, pois “Deus sabiamente deu-nos paixões e foi a sociedade que tem feito a indulgência delas um vício” (SOUTHEY, 1797, p. 262). Dessa forma, por manterem homens e mulheres em reclusão celibatária, os conventos e mosteiros foram hostilizados através de sátiras por subtraírem o potencial do progresso produtivo e populacional do Reino. Logo, para Southey, era um absurdo que na idade de quinze anos os jovens fizessem “votos que os isolam para sempre dos deveres e virtudes humanas, não das paixões e fragilidades da humanidade. Nesta situação, toda energia da mente é destruída, ou ‘como a árvore cujo crescimento é obstruído, os galhos deformam’” (SOUTHEY, 1797, p. 274). Com efeito, a compreensão da história como sendo movida por paixões naturais dadas por Deus possibilitou ao jovem letrado empregar metáforas orgânicas para descrever as ações humanas. Nesse sentido, o crescimento deformado da árvore seria análogo à deformação do corpo pelo rigor da reclusão ascética.

Southey utilizou vários gêneros como o relato de viagens em forma de cartas, a poesia, a prosa, a tradução e o ensaio histórico-literário como provas verossímeis, vestígios, do atraso e da decadência da Península Ibérica. Assim, se o objetivo inicial de Southey foi situar a narrativa no presente, o retorno ao passado foi utilizado para demonstrar o entrelaçamento entre a corrupção pretérita e a constituição do devir, percurso histórico envolvido em uma compreensão da natureza humana como decadente:

As fortificações de Extremos não podem ser reparadas e toda a cidade traz as marcas da decadência. A contemplação de um país decaído é muito melancólica: são raras as vezes que tanto os indivíduos quanto as nações tornam-se sábios a partir da desgraça. A dor de cabeça da manhã não previne o bêbado de se intoxicar à noite: a experiência das épocas não tem ainda prevenido os governos da humanidade de buscarem sua usual carreira de loucura e culpa (SOUTHEY, 1797, p. 250).¹¹ [Grifo nosso]

¹¹ No original: “The fortifications of Extremos are out repair, and the whole town bears the marks of decay. The contemplation of a fallen country is very melancholy: it is seldom that either individuals or nations become wiser

Para Southey, uma pedagogia universal podia ser apreendida da experiência da história de Portugal. O auge e a decadência da história desta nação, segundo Southey, aconteceram em uma época na qual a Europa estava imersa na barbárie feudal e na superstição religiosa, o que dificultava a instrumentalização do passado em proveito dos homens do presente. Contudo, a experiência da história de Portugal possibilitava a Southey conjecturar sobre os vícios nos quais a natureza humana estava enredada. Através da metáfora “a dor de cabeça da manhã não previne o bêbado de se intoxicar à noite”, criticava não somente Portugal, pois, os vícios deste bêbado constituíam a natureza dos próprios britânicos, visto que estes não aprenderam com os excessos de violência do passado. Assim, o espírito de facção desencadeador de grande violência nos tempos da Reforma ainda vigorava no presente, o que levava Southey a enunciar sua indignação:

A intolerância me deixa doente! Todo homem que conheço é um Procustes, que mede o valor de todos além dos limites das suas próprias opiniões. Do ateu ao frei franciscano, através dos elos dos deístas, o humanista, o sociniano, o baixo ariano, o alto ariano, os ortodoxos dissidentes, e os elevados homens da igreja – tudo é intolerância! Posso persuadir ninguém que estas opiniões opostas podem existir sem afetar o caráter moral (SOUTHEY, 1797, p. 310).¹²

A imagem da intolerância é personificada em Procustes, um personagem da mitologia grega que vivia na serra de Elêusis, conhecido por ter em sua casa uma cama de ferro exatamente do seu tamanho, a qual era oferecida para os viajantes se deitarem. Os viajantes nunca se ajustavam à medida de cama de Procustes e eram penalizados fisicamente por isto, pois este cortava as partes dos corpos daqueles maiores que o leito, ou esticava aqueles que tinham pequena estatura. Esta imagem da intolerância na mitologia grega era análoga aos conflitos religiosos contemporâneos na Grã-Bretanha. Se em princípio Southey reivindica a polidez das maneiras britânicas em vigor como superior a tudo existente na sociedade portuguesa, a partir da experiência da história de

from misfortune. The headache of the morning does not prevent the drunkard from intoxicating himself at night: the experience of ages has not yet prevented the governors of mankind from pursuing their usual career of folly and guilt” (SOUTHEY, 1797, p. 250). [Grifo nosso]

¹² No original: “I am sick of intolerance! Every man I meet is a Procustes, who measures the worth of all besides by the standard of his own opinions. From the Atheist to the Franciscan Friar, thro the links of the Deist, the Humanist, the Socinian, the low Arian, the high Arian, the orthodox Dissenter, and the high Churchman – all is intolerance! And I can persuade no one that these opposite opinions may exist without affecting the moral character” (SOUTHEY, 1797, p. 310).

Portugal o letrado abstraía uma pedagogia universal que condenava os vícios naturais à humanidade, estando dentre eles a intolerância (SOUTHEY, 1797, p. 276).

Contudo, apesar do ceticismo com relação ao presente, o passado europeu e suas permanências em vigor na Península manifestam-se mais ameaçadoras. O medo do passado e dos seus vestígios se fundamentava na possibilidade do seu retorno efetivo, visto que a natureza humana estava dada aos vícios como um bêbado incapacitado de evitar a embriaguez. Para alcançar este diagnóstico que evidencia a possibilidade da decadência na história a partir de um caso particular, o jovem letrado não se restringiu à utilização de um único gênero. Uma miscelânea de traduções poéticas, ensaios histórico-literários, resumos de obras de letrados lusos e hispânicos contemporâneos, relatos de hábitos cotidianos, de anedotas, metáforas, ironias e sátiras constituíam um todo que, apesar de aparentemente fragmentado, transmitia uma atmosfera histórica capaz de provocar a repulsa e o riso no público leitor britânico.

Envolvido neste complexo universo discursivo e estético, tendo à disposição uma multiplicidade de gêneros, Southey pode ultrapassar a fronteira das ironias e sátiras, que reivindicavam a superioridade britânica e empregar as metáforas, especificamente a do “bêbado”, que deflagravam comparativamente a decadência de toda a natureza humana. Dessa forma, a partir das narrativas relativas às nações ibéricas, formulava uma pedagogia universal ao empregar uma metodologia semelhante à utilizada em suas palestras históricas, tendo em vista a síntese dada ao irmão, Thomas Southey, em 1795: “Estou dando um curso de palestras históricas, em Bristol, ensinando o que é certo através da exposição do que é errado” (SOUTHEY, 1850, p. 235).

Considerações Finais

Em grande medida as enunciações de Southey nas *Letters Written During a Short Residence in Spain and Portugal* publicada em 1797 seriam relativizadas nas reedições de 1799 e 1808 e em seu segundo relato de viagem escrito entre 1800 e 1801. No entanto, pode-se destacar como neste primeiro momento a interlocução com o campo semântico e estético em vigor nas obras de historiadores renomados do século XVIII já eram caras ao jovem letrado. Esta interlocução somada à mobilização de elementos em

vigor em outros gêneros literários foi decisiva para que a obra estivesse em consonância com os anseios literários do público britânico.

Southey demonstrou-se familiarizado nas *Letters* com a crescente popularidade dos relatos de viagens e menciona a polêmica obra atribuída a William Costigan *Sketches of Society and Manners in Portugal*, publicada em 1787. Com relação a esta obra o letrado afirma: “as cartas de Costigan constituem um livro aparentemente tão romântico, embora realmente tão verdadeiro” (SOUTHEY, 1797, p. 396). A partir da apreciação desta obra por Southey pode-se compreender como o público britânico se entretinha com os relatos de viagens sobre Portugal e como o jovem letrado procurou atender a esta demanda.

As cartas de William Costigan, ficcionalmente endereçadas ao irmão Charles Costigan, foram escritas pelo coronel irlandês James Ferrier, que serviu até 1776 no exército português. Castelo Branco Chaves expõe que o relato pejorativo de Ferrier são reflexos do “seu mau caráter, das opiniões heréticas, de ter sido expulso do exército”, o que “azedou-lhe o ânimo em relação a Portugal, ficando o livro vinculado a todos os seus despeitos” (CHAVES, 1987, p. 20). Entretanto, o importante a ser explorado aqui são as estratégias narrativas utilizadas por Ferrier, o suposto Costigan, em seu relato depreciativo sobre Portugal. Nesta obra, Costigan narra o romance entre os personagens o “polido” Lord Freeman, militar irlandês a serviço em Portugal e a “doce” senhorita Lucrecia, filha do Marquês de Pancorvo. Através do romance, Costigan, amigo do casal e testemunha das suas aventuras, situa o leitor das cartas em um cenário de barbaridade e superstição religiosa que formaria o cotidiano da sociedade portuguesa. O sucesso do romance ao longo da narrativa é obstado constantemente pela ignorância e superstição religiosa atribuída aos pais da senhorita Lucrecia, que não admitem o casamento da jovem com Lord Freeman, devido a sua profissão à religião presbiteriana.

Em uma parte da obra, Costigan transcreve uma suposta carta de Lucrecia endereçada à Freeman, na qual a jovem senhorita expõe os empecilhos à união de ambos, após o término de seus estudos na Inglaterra. Segundo a jovem, os motivos seriam a “religião” e o “interesse”, pois seus pais, tendo o objetivo de manter as extravagâncias da fidalguia, tinham à disposição muitos serviçais indolentes e não poupavam esforços em atender as vontades do desregrado filho homem. A educação do

filho, assim como as ações dos pais, estaria sobre a influência sem limites do confessor, chamado por Lucrecia de “patife”, o frade Domingos de São Nicolau. A má administração das propriedades, que nada produziam, levou o Marquês de Pancorvo a contrair empréstimos com o mercador estabelecido no Brasil, Bernardo Soares Mendes da Costa. Diante da impossibilidade de pagar as hipotecas, o Marquês resolveu casar Lucrecia com este fidalgo, um “plebeu rico”, suspeito de ter sangue judaico. Na suposta carta endereçada à Freeman narrada por Costigan, Lucrecia julga toda esta trama ridícula e risível, fazendo-a lembrar da leitura de um velho romance espanhol, Dom Quixote. Para Lucrecia, a dificuldade das circunstâncias tornava necessário que o seu pretendente retomasse a valentia cavalheiresca dos velhos tempos diante das dificuldades e perigos que obstavam a conquista da sua Dulcinéia (COSTIGAN, 1787, p. 20-23).

As cartas de Costigan foram bem recebidas nos periódicos, mas não ficaram isentas de reparos. Para o resenhista da *Critical Review*, o excesso de descrição pictórica dos costumes e maneiras, embora estranhamente narrados em forma de romance, não colocavam em questão a veracidade do relato: “não temos a menor dúvida que a narrativa nas cartas é perfeitamente genuína, não existe nada no todo que pareça em qualquer nível romântico, embora o livro seja conduzido na forma de um romance” (THE CRITICAL REVIEW, 1788, p. 370). O resenhista da *Monthly Review* agravou esta suave crítica, pois Costigan “[...] frequentemente respira em excesso o espírito do romance e do disfarce ficcional, que um leitor suspeito seria apto a questionar a autenticidade” (THE MONTHLY REVIEW, 1789, p. 8). No entanto, apesar das recensões, os resenhistas de ambos periódicos aprovaram a obra. O resenhista da *Monthly Review* expõe que o relato aborda questões tão importantes, sendo os “liberais sentimentos” do autor “interessantes para todos os leitores e cidadãos de qualquer país, seja Cristão, Maometano ou Hindu” (THE MONTHLY REVIEW, 1789, p. 13). A “entremistura de estórias românticas, amores e aventuras, mesmo dando ao livro de viagens um exagerado ar de romance, continha uma muito considerável porção de informação”. Com efeito, a validade moral do relato estava assegurada por repreender as maneiras dos portugueses, que tinham “manifesta a tendência de arruinar a liberdade de imprensa e levar o mundo letrado de volta ao barbarismo” (THE MONTHLY REVIEW, 1789, p. 9).

Para certificar a veracidade do seu relato, Costigan recorre à analogia com as obras de história filosófica para identificar o estágio de desenvolvimento da sociedade portuguesa. Nesse sentido, o autor escreve:

Se existe qualquer relação a ser estabelecida entre o que tenho observado neste país e qualquer verdade que li em todas histórias da Inglaterra, quando gemia sobre o jugo da tirania papal e opressão, é que Portugal exhibe proximamente a mesma aparência agora, pela qual a Inglaterra deve ter passado (COSTIGAN, 1787, p. 307-308).¹³

O atraso e a decadência manifestavam-se tão evidentes que para Costigan não era necessário a escrita de uma história filosófica desta nação, assim como Hume, Gibbon e Robertson realizaram em relação à Grã-Bretanha, com o intuito de demonstrar o afastamento temporal entre a barbaridade feudal e a polida sociedade comercial contemporânea. Em uma das cartas enviadas ao irmão constitutivas do seu relato, justifica que a sua obra serviria como um esboço capaz de resumir o caráter da decadência do reino, tendo o tamanho conveniente tanto para recrear o leitor quanto para substituir os volumes de numerosas obras de cronistas portugueses aduladores, repletas de linguagem “vazia” e “bombástica”, de “milagres”, “vacuidade” e “hipérboles” (COSTIGAN, 1787, p. 292-293).

Esta normalização da experiência da história de Portugal como um contraexemplo e a fusão de gêneros literários fora fundamental para a recepção positiva das *Letters* em 1797. O resenhista da *Monthly Review* destacou que o “engenhoso” autor das *Letters* teve mérito ao trazer para o lar “uma rica colheita de frutos parnasianos” de lugares “agrestes às Musas, nos quais a imundícia esqualida, a indolente indiferença, a idiótica superstição, teria cedido ao fervor do trabalho e à altivez da independência” (MONTHLY REVIEW, 1797, p. 302). Segundo o resenhista, se o “zelo católico” desaprovava a obra, o mais “imparcial dos advogados dos justos direitos da humanidade aplaudiria o calor e o interesse a respeito do que ele considera o geral bem-estar e verdadeira felicidade” (MONTLHY REVIEW, 1797, p. 302).

Ora, mesmo fazendo menção a símbolos como o Parnaso e as Musas, o resenhista não julgou a obra do jovem letrado em face às normas de composição clássicas de

¹³ No original: “If there be any dependence to be placed on what I have observed in this country, and any truth in any of all the histories I have read of England, when groaning under the yoke of papa tyranny and oppression, this nation exhibits nearly the same appearance now, which England must have done then” (COSTIGAN, 1787, p. 307-308).

pureza formal, equilíbrio e rigor. A mistura de gêneros e a narrativa anedótica agradavam o autor da resenha, pois Southey predicava a “verdadeira felicidade” e rejeitava a “idiótica superstição” de forma “agradável e viva” ao narrar os costumes ibéricos. De forma semelhante, para o resenhista da *Critical Review*, o gênio de viajante do jovem letrado “misturava-se” com o de poeta, o que deu o caráter “vivo”, “divertido” e “informativo” à sua obra. Southey é elogiado por sua “sensível e acurada mente” e por seu “gosto e amor pela literatura [que] deram uma variedade de caminhos não encontrados em trabalhos desta natureza”. A sujeira e o desconforto eram objetos de “muitas sátiras vivas”, pois Espanha e Portugal estavam “ainda mergulhadas na deplorável ignorância, distantes das delícias dos comuns confortos da vida civilizada” (CRITICAL REVIEW, 1787, p. 384).

Ao afirmar que “as cartas de Costigan constituem um livro aparentemente tão romântico, embora realmente tão verdadeiro”, Southey estava consciente que o importante nas *Letters* era instruir o leitor britânico através de narrativas anedóticas que demonstrassem o quanto era risível e reprovável o estado decadente da sociedade portuguesa. Dessa forma, pode-se compreender que a dualidade moral enunciada por Southey capaz de deflagrar a superioridade civilizacional britânica em contraposição à barbaridade portuguesa, ultrapassou seu curso sobre leituras históricas e as *Letters* ao se demonstrar em vigor em múltiplos gêneros literários do século XVIII como as histórias filosóficas, os relatos de viagens, as biografias, os romances, sendo cara a um público leitor em expansão.

Torna-se fundamental compreender as porosidades entre os gêneros literários neste contexto, pois se as histórias filosóficas exploravam as interconexões entre o passado e o presente enfatizando a comparação entre épocas com o intuito de derivar um juízo moral, os romances e os relatos de viagens ao narrarem eventos contemporâneos podiam situar a imaginação dos leitores em lugares geograficamente distantes, que se diferenciavam pelo avanço singular da história nas respectivas localidades (PHILIPS, 1997). Dessa forma, tanto o tempo quanto o espaço tornaram-se decisivos para a caracterização do avanço ou retardo da história concebida enquanto um processo vivo, que podia ser apreendido através da descrição das experiências sociais. Foi imerso nesta compreensão que o jovem Southey, um estudioso das obras de

historiadores renomados do século XVIII, pode se valer do seu conhecimento historiográfico para instruir e entreter um público leitor fascinado pelas diferenças dos costumes em escalas mundiais.

Bibliografia

BURROW, John. *A History of Histories*. New York: Alfred A. Knopf, 2008.

CABRAL, Adolfo. *Southey e Portugal: aspectos de uma biografia literária (1774-1810)*. Lisboa: P. Fernandes, S. A. R. L., 1959.

CASTANHEIRA, Maria Zulmira. "Speaking in Portuguese and Writing in English". Representações de Portugal na obra de Robert Southey. In_ SARMENTO, Carla (org.). *Diálogos Interculturais*. Porto: Vida Económica, 2011, p. 143-151, p. 144.

CHAVES, Castelo Branco. *Os Livros de Viagens em Portugal no Século XVIII e a sua projeção europeia*. Lisboa: Instituto de Língua e Cultura Portuguesa, 1987.

COSTIGAN, Arthur William. *Sketches of Society and Manners in Portugal*. In a series of Letters from Arthur William Costigan, Esq; late a captain of Irish brigade, in the service of Spain, to his brother in London. Vol. II., 1787.

DIAS PINTO, Alexandre. "The Elusive Manuscript of Robert Southey's *History of Portugal*". In: *Novos Caminhos da História e da Cultura: Actas do xxvii Encontro da APEAA* (Associação Portuguesa de Estudos Anglo-Americanos), Carcavelos, Abril de 2006, ed. Carlos Ceia and Isabel Lousada, Lisboa, Minerva, pp. 61-75, 2007.

DIAS PINTO, Alexandre. "Rewriting the origins of the national master narrative in Robert Southey's 'Fabulous History [of Portugal]'" . GASKILL, Gerald Bär Howard (Eds.). *Ossian and National Epic*. Berlin: Peter Lang, 2012.

PHILIPS, Mark. *Society and Sentiment: genres of historical writing in Britain, 1740-1820*. Princeton University Press, 1997.

POCOCK, J. G. A. *Barbarisms and Religion: Barbarians, Savages and Empires*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

POCOCK, J. G. A. "The Essai sur l'é'tude de la littérature: imagination, irony and History". In_ *Barbarism and Religion: The Enlightenment of Edward Gibbon (1737-64)*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999a, p. 208-239.

PRATT, Linda. *Robert Southey and Contexts of English Romanticism*. Burlington: Ashgate, 2006.

RAMOS, André da Silva. *Robert Southey e a Experiência da História de Portugal: Conceitos, Linguagens e Narrativas Cosmopolitas (1795-1829)*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2013.

SPECK, W. A. *Robert Southey: entire man of letters*. Yale University Press Publications, 2006.

SOUTHEY, Robert. *Letters Written during a short Residence in Spain & Portugal, with Some Account of Spanish & Portuguese Poetry*. Bristol: Printed by Bulgin and Rosserfor Joseph Cottle, Bristol, and G. G. and J. Robinson and Cadell and Davies, London, 1797.

SOUTHEY, Robert. *The Life and Correspondence of the Late Robert Southey*. Ed. C. C. Southey, Vol. II, London: Longman Brown, Green, and Longmans, 1850.

SOUTHEY, Robert. *The Collected Letters of Robert Southey*. In_ A Romantic Circles Eletronic Edition. Part I 1791-7. Linda Pratt (Ed.).

The Critical Review or, annals of Literature: Extend and Improved by a Society of Gentlemen. London: printed for A. Hamilton, Falcon-Court, Fleet-Street, 1788, pp. 370-374.

The Critical Review; or, Annals of Literature; Extended and Improved. By a Society of Gentleman. Vol. XX. London: Printed for Hamilton, Falcon-Court, Fleet-Street, 1797, pp. 378-384.

The Montly Review or Literay Journal. Vol. LXXX Printed for R. Griffths, 1789, pp. 8-13.

The Monthly Review or Literary Journal, Enlarged: from May to August, inclusive M, DCC, XCVII. Vol. XXIII. London: Printed for Griffiths, 1797, pp. 302-306.

VARELLA, Flavia. "Reunindo o Passado: Erudição e Narrativa na History of Brazil de Robert Southey". In_ *Cadernos de resumos & Anais do 5º. Seminário Nacional de História da Historiografia: biografia & história intelectual*. Ouro Preto: EdUFOP, 2011, pp. 1-15.

WHITE, Hayden. "A imaginação histórica entre a metáfora e a ironia". In_ *Meta-História: A Imaginação Histórica do Século XIX*. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1992.